



As práticas de sociabilidades dos grupos dirigentes na cidade de Natal: os clubes como marcadores de distinções sociais (1920-1929).

Karine Maria Lima Lopes¹

Artigo recebido em: 21/12/2019

Artigo aprovado em: 08/03/2020

RESUMO

Os grupos dirigentes da cidade de Natal, nas décadas iniciais do século XX, conduziram um intenso processo de transformações materiais, como a reconstrução do cais Tavares de Lyra, a construção do Teatro Carlos Gomes e a introdução da eletricidade e dos bondes elétricos. A partir da década de 1920, esse processo de modernização se intensificou com a gestão do prefeito Omar O'Grady (1924-1930), e o seu auge se deu com a elaboração do Plano Geral de Sistematização (Plano Palumbo), em 1929, que almejava modelar a cidade e planejar o seu crescimento com base nos preceitos do urbanismo e do higienismo. As modificações que vinham ocorrendo visavam atender às aspirações dos grupos dirigentes de transformar Natal numa cidade moderna, cujo desenvolvimento estaria orientado pelo progresso. Esses grupos criaram novas instituições e estabeleceram seus espaços de sociabilidades de acordo com os seus desejos e valores. Eles impulsionaram, a partir do decênio de 1920, o aparecimento de ambientes exclusivos de interação social, dentre os quais enfatizaremos o aeroclube e os clubes esportivos, especificamente as competições de remo. Procuraremos mostrar que os grupos dominantes buscavam transformá-los em lugares educativos, exaltando os princípios de salubridade, beleza e ordem. Acompanharemos as formas de sociabilização mencionadas por meio dos periódicos que celebraram as modificações na dinâmica social da capital norteario-grandense. O jornal "A Republica" nos forneceu elementos de análise sobre os estatutos e os princípios que regulamentavam o acesso dos indivíduos às associações esportivas e aos clubes recreativos. A revista "Cigarra", que circulou na capital entre os anos de 1928 e 1930, trouxe à tona fotografias da época, textos de memorialistas e notícias sobre indivíduos de relevo social na imprensa de grande circulação. Portanto, este trabalho tem por objetivo compreender as práticas de sociabilidades das camadas altas urbanas e nos auxiliar na percepção dos desejos e das tensões da cidade moderna pretendida pelos grupos dominantes.

Palavras-chave: Sociabilidades. Clubes. Grupos dirigentes. Natal.

The sociability practices of the leading groups in the city of Natal: the clubs as markers of social distinctions (1920-1929).

ABSTRACT

The leading groups in the city of Natal, in the early decades of the twentieth century, led an intense process of material transformations, such as the reconstruction of the Tavares de Lyra pier, the construction of the Carlos Gomes Theater and the introduction of electricity and

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RN), bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa intitulado "A cidade, do renascimento à morte: espaço, tempo e modernidade na cidade de Natal (1900-1940)" (PIBIC-UFRN) e orientanda do professor Raimundo Pereira Alencar Arrais. Link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4607030926674264>. E-mail: karinelopes.2012@hotmail.com.



electric trams. From the 1920s onwards, this modernization process intensified with the administration of Mayor Omar O'Grady (1924-1930), and its peak occurred with the elaboration of the General Systematization Plan (Palumbo Plan), in 1929, which aimed to model the city and plan its growth based on the precepts of urbanism and hygiene. The changes that were taking place were aimed at meeting the aspirations of the leading groups to transform Natal into a modern city, whose development would be guided by progress. These groups created new institutions and established their social spaces according to their wishes and values. They promoted, from the 1920s, the appearance of exclusive environments for social interaction, among which we will emphasize the aeroclub and sports clubs, specifically rowing competitions. We will try to show that the dominant groups sought to transform them into educational places, extolling the principles of wholesomeness, beauty and order. We will accompany the forms of socialization mentioned through the periodicals that celebrated the changes in the social dynamics of the capital of Rio Grande do Norte. The newspaper "A Republica" provided us with elements of analysis on the statutes and principles that regulated the access of individuals to sports associations and recreational clubs. The magazine "Cigarra", which circulated in the capital between 1928 and 1930, brought up photographs of the time, texts by memorialists and news about individuals of social importance in the mainstream press. Therefore, this work aims to understand the sociability practices of the urban upper classes and assist us in the perception of the desires and tensions of the modern city intended by the dominant groups.

Keywords: Sociabilities. Clubs. Steering groups. Natal.

1 INTRODUÇÃO

A cidade, formada por um conjunto de agentes, instituições e corporações que atuam dentro do seu território, é resultado de diversas intervenções. Para além dos investimentos públicos e privados, o espaço urbano compreende uma série de práticas sociais que estão em conformidade com interesses e ações de determinados grupos que almejam modificá-lo cotidianamente, em diferentes escalas de tempo. No seu estudo sobre as dinâmicas de interação social, lazer e diversões na *Belle Époque* natalense, a historiadora Márcia Marinho afirma que os ambientes de sociabilização, formais ou recreativos, "são frutos de sonhos, sejam eles de uma classe ou de um pequeno grupo, que de alguma maneira se materializam no plano físico" (MARINHO, 2011, p. 129). Esses espaços, construídos, reestruturados e reformados sob inspiração dos países da Europa do norte, sobretudo França e Inglaterra, funcionavam como marcadores de distinções entre as altas camadas urbanas, uma vez que produziram sentidos particulares às instituições e abrigam significados construídos nas atividades de grupo específicos (PESAVENTO, 1995, p. 280).

A partir do início do século XX, quando foi instaurado o regime republicano em Natal, os grupos dirigentes difundiram um discurso segundo o qual, somente por intermédio das



intervenções urbanas, a capital teria condições de alcançar a civilidade e o progresso. Para tanto, os grupos que dominavam o poder político local conduziram um intenso processo de “melhoramentos urbanos”. O termo mencionado, como conceituou Stella Bresciani (1985), abrange a efetivação de obras de saneamento, assim como a abertura de praças, o alargamento de vias e a contratação de comissões específicas para a produção da urbe. Essas transformações materiais, tais como as obras de reequipamento do porto, a implantação de novas avenidas e bairros, e a construção de praças e do teatro foram noticiadas pelo jornal “A Republica”.

O periódico, criado por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão em 1889, constituiu-se como o principal meio de comunicação do Partido Republicano do Rio Grande do Norte. Seus redatores, vinculados à burocracia do estado e à produção literária, publicavam diariamente leis e decretos oficiais do estado e do município. Na concepção dos membros do jornal do governo e do partido, as obras públicas a serem realizadas no decênio de 1920 consagrariam a posição de Natal como centro político e econômico da unidade federativa. Para eles, a cidade estaria vivenciando uma nova época, sobretudo por meio da mudança do nome de ruas, avenidas, edifícios públicos e grupos escolares para a denominação de líderes políticos federais e estaduais (ARRAIS, 2017). Todavia, a publicação em análise também incorporou a sessão *Varias*, na qual os editoriais, as reclamações populares e as denúncias de moradores anônimos assinalaram a ausência de acesso aos serviços elétricos e equipamentos urbanos, financiados majoritariamente pelo governo do estado e regulamentados pela Intendência Municipal.

Na temporalidade estudada, as publicações ilustradas repercutiram na opinião pública das altas camadas urbanas. A *Cigarra*, por exemplo, teve uma breve circulação entre os anos de 1928 e 1930, intervalo correspondente ao governo de Juvenal Lamartine na capital. Tendo como público os membros do governo e literatos, a revista apresentava, ao longo de cinco números consecutivos, fotografias, textos de memorialistas e crônicas sobre as ocasiões de encontro entre parte da sociedade natalense, principalmente nas associações desportivas e bailes de famílias vinculadas às agremiações literárias, instituições de ensino secundário, clubes e cafés. Podemos reconstituir, por meio dessa fonte, os discursos e representações desses grupos acerca das transformações cidadinas, norteadas pela perspectiva de despertar da cidade para o desenvolvimento técnico e social. Isso porque, como ressaltou Tânia de Luca (2014), a imprensa de efêmera duração desempenhou o papel de mediadora de saberes, de idealizações sociais e de linguagens.



Tendo como ponto de partida o jornal *A Republica* e a revista *A Cigarra*, buscamos compreender determinadas expressões de sociabilidade, diversão e lazer praticados pelas altas camadas urbanas de Natal. Pretendemos enfatizar, nos anos finais da década de 1920, alguns locais onde se reuniam os indivíduos ligados a essas camadas, questionando sobre a finalidade com que se reuniam e sobre os procedimentos que adotaram para criar um espaço restrito ao ambiente socialmente fechado dos *clubs* e dos estabelecimentos de diversão orientados por convenções de comportamento, vestimenta e *status* político e social. Objetivamos, assim, mostrar como no aeroclube, um ambiente de sociabilização frequentado pelas pessoas de alto poder aquisitivo, e nos eventos esportivos, mais especificamente nas competições de remo, os grupos dominantes buscavam transformar os espaços de sociabilidade em espaços educativos, regidos por estatutos oficiais e embasados nos princípios de salubridade, beleza e ordem.

O recorte temporal deste trabalho compreende o intervalo entre 1920-1929, período no qual destacamos a inauguração do aeroclube em 1928 e a conclusão do Estádio Juvenal Lamartine, em 1929. No plano municipal, esses anos correspondem à maior parte da gestão do prefeito Omar O'Grady (1924-1930), em cuja administração a cidade começava a ganhar tons mais vivos da sonhada *Belle Époque*, uma vez que passava por significativas transformações materiais que designavam o otimismo em relação ao seu futuro (SANTOS, 2009, p. 8.). Na referida gestão, várias obras já haviam sido iniciadas no espaço urbano de Natal, tais como a remodelação dos jardins públicos, a construção de estradas de rodagem e a ampliação do calçamento nas ruas da cidade, como no trecho da rua Ulisses Caldas que ia da Avenida Rio Branco à Avenida Deodoro, dando impulso ao desenvolvimento da Cidade Nova (A REPUBLICA, Natal, 29 de maio 1925. Cf. SANTOS, 2009). Essas intervenções espaciais, das plantas cadastrais ao chão da cidade, foram implementadas desde as primeiras décadas do século XX, dentre elas, o aterro e o ajardinamento da praça Augusto Severo (em 1905) e a abertura de ruas e calçamentos nos bairros Ribeira e Cidade Alta (ANDRADE, 2008, p. 83).

Ainda na administração Omar O'Grady (1924-1930), o prefeito contratou o arquiteto Giacomo Palumbo para a elaboração do Plano de Sistematização de Natal. Esse plano almejava, conforme destaca Gabriela Siqueira, “atualizar o espaço da cidade diante das necessidades dos novos tempos, respeitando os padrões de ordem, de regularidade e de modernização” (SIQUEIRA, 2014, p. 414) e, conseqüentemente, demonstrar os desejos daqueles que estiveram à frente da realização de reformas urbanas na terceira década do século XX.



Além disso, o plano teve como objetivo sistematizar todas as reformas implementadas pela Intendência nesse período. Os novos modos de viver na cidade, pretendendo posicionar os indivíduos e a capital norte-rio-grandense na direção do progresso, baseavam-se “na cultura da rapidez, da velocidade, do consumo, da técnica, das vidas cronometradas, obedientes ao tic-tac dos relógios, construindo padrões de sociabilidade muito diferentes dos padrões rurais” (MARINHO, 2011, p. 80).

O estudo dos meios sociais, lugares de trocas de experiências e de relações entre os indivíduos, é relevante para compreendermos a formação dos grupos dominantes e intelectuais associados. Controlando o poder no Rio Grande do Norte, esses sujeitos mobilizaram leis e construíram resoluções municipais para fixar regras de comportamento e modos de os frequentadores desfrutarem de determinados ambientes, inscrevendo no espaço público suas projeções de mundo. Desse modo, a percepção das sociabilidades dos grupos dirigentes contribui para a elucidação dos sentidos e usos atribuídos por eles aos ambientes de acesso restrito na cidade, visto que a adoção de mudanças espaciais e nas sociabilidades foram guiadas pela aspiração de adequá-la aos modelos de civilidade, de asseio e de modernidade irradiados pelas elites dos centros urbanos de maior visibilidade no alvorecer do século XX.

2 AERoclUBE, UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE DOS GRUPOS DIRIGENTES

Nas décadas iniciais do século XX, surgiam com cada vez mais frequência ambientes recreativos na cidade. Clubes e cafés constituíam-se como um ponto de encontro entre os membros do governo, comerciantes locais e até mesmo grupos de famílias que se reuniam para discutir ideias, fechar negócios, trocar informações ou, simplesmente, conversar sobre assuntos do cotidiano (*Ibid.*, p. 72). O termo “club”, conforme analisou o historiador Jeffrey D. Needell (1993, p. 95), originou-se dos clubes surgidos no século XVIII na Inglaterra, e que tiveram seu apogeu em Paris e Londres no século XIX, visto que nesses lugares se reuniram cavalheiros refinados. A incorporação do hábito de ir ao clube, em Natal, significaria, para os grupos dominantes, um avanço nos padrões de elegância e modernidade necessários a uma capital moderna.

Dentre os cafés e clubes que apareceram em Natal nos anos de 1920, estava o aeroclube. Fundado em 1928, sua sede foi construída no bairro denominado Cidade Nova, na avenida Hermes da Fonseca, abrigando diversas atividades no mesmo ambiente, tais como competições esportivas, bailes festivos e solenidades políticas. Em outubro de 1929, foi



inaugurada uma escola de aviação na sede do estabelecimento, destinada aos sócios, filhos de sócios e outros indivíduos que desejassem aprender a pilotar. O governador concedeu um terreno para a construção da sua sede e abertura do campo de pouso. Juvenal Lamartine, ao longo da sua gestão, apoiou intensivamente a aviação no estado, “visando atrair para a cidade principalmente as companhias de aviação francesa, italiana e norte-americanas” (ARRAIS; SIQUEIRA, 2017, p. 280).

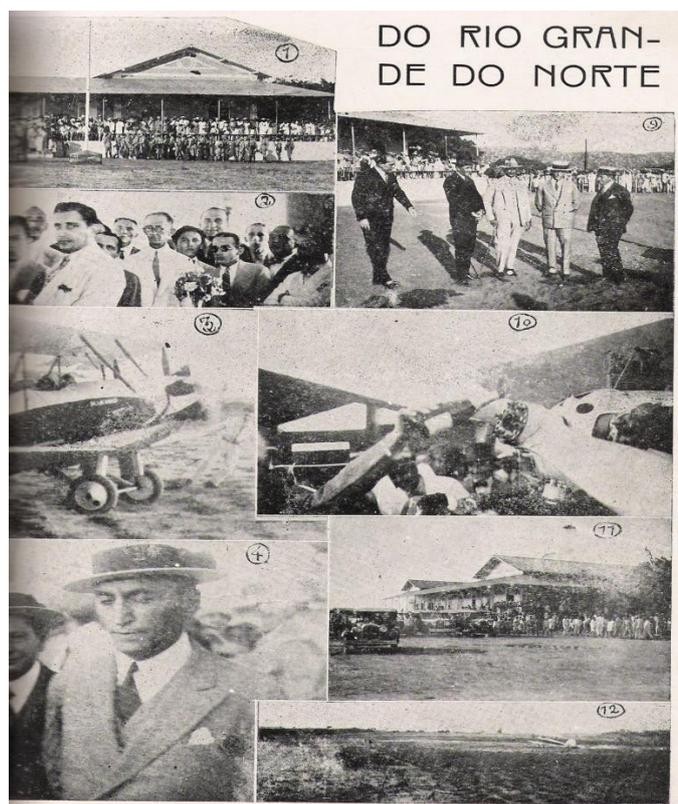
De acordo com o estatuto desse estabelecimento, publicado no jornal *A Republica* em 1928, os sócios efetivos pagariam “a joia de cem mil réis no acto de sua admissão e mensalidade de dez mil réis” para frequentar o clube e usufruir das vantagens que lhes eram asseguradas pelos regimentos. Além disso, para que um novo membro ingressasse no clube, ele dependia da indicação de um integrante já efetivo e, conforme ressaltou o estatuto, o pretendente seria admitido mediante a aprovação de dois terços dos membros da diretoria. Como podemos observar, as regras do regimento interno indicam que, além de boas condições econômicas, “era preciso ter influência, usufruir de boas relações na sociedade” (*Ibid.*, p. 286).

O bairro da Ribeira concentrava o maior número de bailes, bilhares e cafés da capital (MARINHO, 2011). Com a expansão desses espaços de sociabilização nas avenidas da Cidade Nova, principalmente a partir da década de 1920, as mulheres passaram a frequentar os cafés e clubes sem a presença de seus irmãos ou maridos (*Idem*, 2011). Criado oficialmente em 1901, o bairro foi planejado pela Intendência Municipal para ser uma área salubre, próxima do mar, destinada a ser habitada pelas altas camadas da capital, particularmente governadores e proprietários de terras. Além de possuir equipamentos técnicos, tais como linhas de bonde e água encanada, a construção do bairro concretizou-se por uma série de resoluções que visavam modificar a forma como as pessoas deviam se comportar nos espaços públicos. Em grande medida, o bairro foi projetado pelas redes de poder local para representar os princípios de ordem, civilidade e progresso que orientavam a nova condição política da capital e, principalmente, o desejo de renovação inerente à própria toponímia da construção da “Cidade Nova” (SIQUEIRA, 2017, p. 45-46).

De acordo com o articulista da *Cigarra*, o aeroclube tornou-se um ponto de encontro entre a alta sociedade, movimentando a vida mundana e tornando-se, nas palavras do redator, indispensável para a “alegria natalense”. Referindo-se à condição social dos frequentadores do lugar, Adherbal França, diretor da revista e colaborador dos jornais da grande imprensa, afirmou que “os salões cheios de uma distinção fidalga terão sempre o prestígio das nossas

demoiselles” (COMMENTARIOS. *Cigarra*, Natal, ano II, n. 3, 1929. p. 2). A prevalência desse público seletivo pode ser percebida na cerimônia de inauguração da sede e pista do clube, ocorrida no dia 29 de dezembro de 1928, na qual participaram autoridades federais, estaduais e municipais, comerciantes locais e sócios do clube devidamente trajados com *smoking*, casaca ou traje branco a rigor (ARRAIS; SIQUEIRA, 2017). Ao observarmos a representação visual capturada por João Galvão, identificamos a presença do presidente do estado, do representante do Ministério da Viação, Décio Fonseca, e do comandante Djalma Petit, diretor da companhia de aviação francesa *aéropostale*, na solenidade festiva. Vejamos a predileção do fotógrafo pelos investimentos modernizantes no cenário fotografado à luz do dia, como o automóvel e a cabine de comando do avião “Natal”:

Figura 1 – Inauguração do aeroclube na década de 1920



Fonte: *Cigarra*, Natal, ano II, n. 3, 1929, p. 25.

No mês de agosto de 1929, o clube organizou um baile festivo na ocasião do aniversário de Juvenal Lamartine. O evento pretendia explicitar a elegância do estabelecimento aos associados e ao público leitor da imprensa, já que seus membros almejavam consolidar “os ideais da elite da sociedade natalense, no que representa de



melhor em esforço, devotamento á terra commum e espirito progressista” (AVIAÇÃO no Estado. *Cigarra*, Natal, ano II, n. 3, 1929. p. 25). Nas festividades, estavam presentes pessoas de alta distinção social, na perspectiva de recepcionar o governador na sede do clube. “A essa hora o Aero Club do Rio Grande do Norte”, como declarou o redator da *Cigarra*, “preparava, como homenagem ao seu presidente, importante baile, que foi uma das festas mais brilhantes com que tem marcado a sua vida social” (A REPUBLICA, Natal, 11 ago. 1929. p.1.1). Nessas passagens da publicação ilustrada, o emprego dos adjetivos importante e brilhante exprimiram o modo como a vivência urbana, no pensamento daqueles que frequentaram os clubes, não é meramente um artefato de natureza física, mas também um campo de forças no qual “as práticas que dão forma e função ao espaço e o instituem como artefato, também lhe dão sentido e inteligibilidade e, por sua vez, alimentam-se, elas próprias, de sentido” (MENESES, 2006, p. 36).

Além dos bailes, que contavam com a presença de políticos, comerciantes de alto poder aquisitivo, aviadores e atletas, o *aero club* de Natal investia intensivamente nos bailes carnavalescos. No ano de 1929, o tradicional baile de carnaval foi transferido da sede do *Natal Club*, localizado no bairro da Cidade Alta, para as dependências do novo clube. O ambiente foi decorado por um painel de fotografias disposto no salão principal e pintado por Adriel Lopes e Erasmo Xavier. Este último foi um dos responsáveis pelas ilustrações da revista *Cigarra*. Na época, ele residia no Rio de Janeiro, onde já nos anos de 1920 foi um artista modernista, redator de jornais e fotógrafo amador, amplamente conhecido pelas composições gráficas e caricaturas estampadas na revista carioca *O Malho*.

O jornalista da *Cigarra* discorreu brevemente sobre a decoração da festa de carnaval no *aero club*: “o perfume, a carícia da sêda de um leque, o beijo que ninguem viu mais que teve o calor de uma labareda... Nisto se resume o carnaval” (CIGARRA, Natal, ano II, n. 3, 1929, p. 2). O referido baile demandou a contratação de duas orquestras para tocar durante a noite, a decoração foi implementada por Omar O’Grady, então presidente da Intendência Municipal, e outros membros do clube, na perspectiva de atender às expectativas de tais festividades (DIAS, 2015). No mesmo momento, os redatores da revista supracitada escreveram sobre a realização dessa prática de interação social restrita e exprimiram uma grande euforia pelas transformações técnicas e pelas mudanças nos costumes da capital. Adherbal França, por exemplo, realçou as virtudes dos dirigentes políticos como modeladores da paisagem urbana e tencionavam veicular uma imagem da cidade associada ao Rio de Janeiro e à Europa (sobretudo Paris). Consoante o vocábulo da novidade, a revista constituía-se como catálogo de variedades, no qual se



combinavam reclames publicitários de produtos de beleza, anúncios de estabelecimentos comerciais, propagandas de remédios, roupas e exibição de filmes, assim como comentários sobre eventos cívicos, viagens dos governadores para o interior do estado e, com grande intensidade, notícias sobre a formação de instituições restritas ao *escol* natalense.

A cidade aparecia nesses veículos de informação e de consumo como agente educador. Sob essa ótica, Luiz da Câmara Cascudo demonstrou suas impressões sobre a cidade por meio do artigo intitulado “Musicalerias”, publicado no periódico *A Republica*, no ano de 1929. Ele assinalou a inserção de Natal dentro daquela dinâmica da cidade moderna:

Natal dá uma impressão de cidade bem informada com Aero Club, avião, tres diários, tres cinemas, bonde electrico, luz razoavel e auto corredor temos outra impressão de modernidade. Certas tardes de elegância, os bailes, a perfeita interligação municipal pelas rodovias, a campanha de ensino, as installações hospitalares, a guerra á lepra, nova e mais firme impressão de cidade 1929 (MUSICALERIAS. *A Republica*, Natal, 14 jun. 1929. p.1.1).

Nesse sentido, os clubes desempenhavam um papel estratégico na construção ideal dessa nova cidade almejada pelos grupos dirigentes locais, uma vez que eles se autolegitimavam como “o ponto máximo das sociabilidades exclusivas na sociedade natalense, e também a sua expressão mais refinada” (ARRAIS; SIQUEIRA, 2017, p. 286). A inauguração do aeroclube foi descrita no jornal como uma das obras mais proeminentes do governo de Juvenal Lamartine, responsável pelo desenvolvimento da aviação no estado. À medida que selecionava os indivíduos de acordo com o seu poder de consumo, o estabelecimento caracterizava-se como um dos lugares onde os grupos dominantes se distinguiam das camadas populares por meio de práticas superestimadas em contraponto às práticas de outros agentes da cidade, que frequentaram os sambas, os jogos de azar e as festas juninas. Desse modo, criava-se um ambiente exclusivo de circulação de ideias e pactos de amizade, aproximação e convívio em meio a um impulso de reordenação espacial que tencionava alterar e reorientar hábitos e costumes locais (MARINHO, 2009, p. 110).

3 A FORMAÇÃO DOS CLUBES ESPORTIVOS NA CIDADE E SUAS REVERBERAÇÕES NA FORMAÇÃO DO HOMEM MODERNO

Uma outra dinâmica movimentava a vida cidadina e, por conseguinte, pretendia reordenar a organização dos espaços. Tratava-se dos clubes esportivos. As associações desportivas tiveram grande repercussão na sociedade natalense ainda no século XIX e faziam



parte das estratégias de adequação do ambiente natural aos valores dos grupos dirigentes. Desde então, os exercícios corporais ganhavam repercussão nas primeiras sessões do jornal *A Republica* e representavam as estratégias de medicalização da cultura física. A essas atividades estão relacionados “muitos valores da nova sociedade de consumo que se formava na Europa, como o culto ao corpo, a valorização das regras, o culto à rapidez e a competitividade” (*Ibid.*, p. 122).

Na ótica do redator da *Cigarra*, a prática de esportes e do escotismo tornavam-se imprescindíveis para a educação física e moral dos jovens. Conforme salientou o redator, “[...] no gôso e na pratica dos exercicios esportivos, taes como o remo e o futebol, a carreira, o tenis, o salto, está, certamente, o primeiro passo consciente para a regeneração physica da juventude” (CIGARRA, ano II, n. 3, 1929. p. 36). Esse discurso de regeneração física, apelando para a necessidade da prática de exercícios, intensificou-se nos anos de 1920, impulsionando o treinamento dos corpos e o aperfeiçoamento de músculos fortes e saudáveis. Os termos saúde e higiene incorporaram-se ao vocábulo dirigido recorrentemente ao público leitor da revista e assinalaram o temor das classes médicas influentes, arquitetos, pedagogos e governadores em relação à presença de agentes patológicos na cidade, a exemplo das epidemias e das diversões associadas aos estigmas do vício e da insalubridade. Nesse ínterim, “discursos e políticas públicas se confluíam no sentido da construção dessa cidade ideal que seria moderna, cosmopolita e saudável” (VIANA, 2008, p. 110).

A transição do século XIX para o século XX representou uma mudança nos padrões de beleza, marcados principalmente pela preocupação com a vestimenta, a aquisição de remédios e a prática de exercícios físicos. No Rio de Janeiro, a prática de esportes realizava-se ao lar livre, em praças, parques, praias e baldios, tornando as atividades visíveis à comunidade local. Ao analisar os primórdios do *Sport* no contexto carioca, o historiador Victor Andrade de Melo destaca que nas últimas décadas do século XIX multiplicaram-se os clubes de regatas e se realizaram competições de remo muito disputadas na cidade (MASCARENHAS, 2008). Nesse sentido, as noções de força, saúde e beleza atrelavam-se diretamente às atividades esportivas das altas camadas, sob orientação de autoridades médicas, visando à manutenção do equilíbrio físico e mental (ARRAIS, 1998).

Em 1920, foi realizada uma conferência no *Natal Club*, por Chistovam Dantas, denominada “A eugenia e o aperfeiçoamento da raça”. Segundo o redator do periódico *A Republica*, a conferência teve ampla repercussão na cidade, uma vez que estiveram presentes “diversas familias das mais distintas de Natal, compareceram o representante do Estado,



medicos, magistrados, professores e muitos dos que entre nós se interessam pelo futuro e aperfeiçoamento da raça” (A CONFERENCIA de Christovam Dantas. *A Republica*, Natal, 5 jan. 1920., s/p). De acordo com os preceitos eugênicos difundidos na palestra, reportagens e concursos de beleza da época, o aperfeiçoamento da raça deveria ser uma preocupação de todos os cidadãos, cabendo também ao governo do estado e às associações esportivas responsáveis pela educação moral e física das crianças, jovens e mães de família (MARINHO, 2009, p. 134).

Embasados no sentimento de patriotismo e articulados às concepções de aperfeiçoamento físico e moral do corpo social, os esportes representaram, nesse período, um verdadeiro modismo. Conforme aponta Márcia Marinho (2009, p. 12):

As cidades eram, por excelência, o palco dos grandes torneios de esporte e coube à juventude a responsabilidade de construir com seus próprios corpos uma nova raça, melhorada, livre das degradações físicas, como a sífilis, que marcaram fisicamente os homens e mulheres das gerações anteriores.

O “Centro Nautico Potengy”, fundado em 1915 pelo tenente Leite Ribeiro, localizava-se na Avenida Tavares de Lyra, no bairro da Ribeira. Esse clube de competições aquáticas promovia festas, das quais participavam apenas sócios efetivos, em homenagem aos remadores vitoriosos, e fixava um conjunto de regras (publicadas pelo jornal *A Republica*) para entrada de convidados e sócios durante bailes organizados por atletas em sua sede. Na regata do dia 31 de dezembro de 1923, segundo notícia publicada no periódico, as festividades em homenagem aos remadores vitoriosos foram descritas como uma “reunião organizada pelo querido club esportivo”, atraindo a “elite” social natalense e transformando, por conseguinte, “os salões do Nautico em ponto de graça e elegância” (CENTRO Nautico do Potengy. *A Republica*, Natal, 09 Jan. 1923, s/p).

Os esportes aquáticos, portanto, obedeciam a regras escritas, sendo praticados nos espaços socialmente fechados dos *clubs*, organizados como entidades civis, com o estabelecimento de normas para integração e permanência dos sócios. Na opinião do redator da *Cigarra*, “não resta duvida que o remo constitue um fator por excelencia no aperfeiçoamento corporal do homem. [...] Natal vae, pouco a pouco, se familiarizando com os esportes desejaveis e condicentes com o nosso clima” (CIGARRA, ano II, n. 3, 1929. p. 36). Aos torcedores, por conseguinte, caberia um lugar secundário, conquistado nas ruas, de modo que gradativamente envolviam-se pessoas não associadas nas torcidas pelos times de futebol que desembarcavam pelo porto.



Além de se dedicarem aos esportes, os clubes mencionados também promoviam bailes carnavalescos. No dia 25 de Janeiro de 1923, por exemplo, atletas e sócios organizaram as festividades de carnaval da cidade, noticiadas pelo jornal *A Republica*. Ao comentá-las, o jornalista destacou que o centro resolveu abrir os seus salões na ocasião, de forma a proibir a entrada de sócios que não apresentassem o “recibo encarnado”, correspondente ao mês de janeiro do referido ano (CENTRO Nautico do Potengy. *A Republica*, Natal, 25 Jan. 1923, s/p). A matéria enfatizou que “não haverá convites para pessoas estranhas, exercendo a directoria rigorosa fiscalização de modo a não consentir no ingresso de elementos estranhos áquella aggremação” (*Idem*). Ademais, o redator destacou que foram distribuídas senhas intransferíveis para sócios honorários, garantindo-lhes o direito ao seu comparecimento e de suas famílias. Quais seriam esses sujeitos estranhos? Sobre eles temos apenas rastros nos cantos das páginas dos jornais e nos planos secundários das fotografias. Contudo, sabemos que a imagem do grupo dirigente se constrói, ainda que fragilmente, em oposição aos signos de decadência, aparente desordem e perturbação social temidos pelos associados ao clube. Eles projetaram sobre a cidade um destino associado à renovação, caracterizando-a como um corpo supostamente unificado, homogêneo e pacífico.

Os clubes esportivos, distinguindo sócios e esportistas competidores, obedeciam aos regulamentos escritos e conquistaram, paulatinamente, a admiração de muitos atletas e entusiastas. Na avenida Tavares de Lyra, tal como observamos no registro visual seguinte, percebemos as transformações técnicas implementadas nas proximidades do porto, alvo de interesses de técnicos e engenheiros que atuaram na construção de calçamentos e iluminação pública no local e, ao mesmo tempo, o interesse dos natalenses na “contemplação de uma natureza afrontada pelos *sportmen*”. Os remadores, conduzindo suas embarcações na bacia do Potengi, exibiam o afinco e o vigor dos seus músculos jovens, sob a atenção de uma pequena multidão de assistentes que, durante as competições, torciam e assistiam à energia vibrante dos corpos de maneira entusiasmada (ARRAIS, 2017, p. 34).

Figura 2 – Competições de remo nas proximidades do Centro Náutico do Potengi



Fonte: *Cigarra*, Natal, ano II, n. 5, 1929. p.53.

Jeffrey Needell estudou as elites do Rio de Janeiro no período de transição do século XIX ao século XX, na perspectiva de compreender como esses grupos urbanos se transformaram na passagem do Império para a República. Por meio de um conjunto documental amplo, dos documentos escritos à iconografia, o autor percebeu a formação dos indivíduos, suas vinculações às redes políticas e suas utopias, tratando-os como grupos que compartilhavam visões de mundo semelhantes e maleáveis. Embora as instituições formais de Natal não estivessem totalmente consolidadas nas duas primeiras décadas do século XX, tal como salienta Márcia Marinho, os sentidos atribuídos aos espaços de convivência assemelhavam-se ao caso carioca. Conforme apontou a historiadora, “essas instituições formais não eram apenas lugares de circulação de ideias, eram lugares em que as elites se encontravam, onde os jovens membros se formavam, onde suas ideias eram divididas, as amizades eram seladas, enfim, eram espaços de plena sociabilidade” (MARINHO, 2011, p. 88).

Nessa dinâmica, as práticas esportivas operavam na construção de identidades coletivas por meio das competições, ocasiões de encontro para assistir aos jogos e, possivelmente, articular torcidas para times afins. Esse sentimento de pertencimento, que se irradiava pelos habitantes da cidade, transcendia os limites físicos dos estádios e das partidas de futebol, assim como as disputas de remo. O entusiasmo das torcidas durante as competições esportivas ultrapassava, nos momentos de socialização entre os indivíduos, as distinções sociais entre os sócios dos clubes e os torcedores. Os sócios dos clubes esportivos pagavam as mensalidades, frequentavam sedes sociais e os torcedores identificavam-se nesses clubes,



ocupando as ruas em festa durante os jogos de futebol nos anos de 1920 e torcendo pelos jogadores que representavam, em alguns eventos, todo estado.

4 CONCLUSÃO

As concepções de “civilidade” e “progresso” enfatizadas no discurso dos grupos dirigentes construíram-se na capital em conformidade com os interesses de um grupo que implementou uma série de transformações na cidade, concebidas como indispensáveis para a sua inserção no capitalismo financeiro e industrial. Todavia, as edificações, jardins, praças e monumentos urbanos “absorvem significados construídos na experiência coletiva, participam das alianças e dos pactos que se soldam na vida cotidiana e nas celebrações que dão o colorido e o peculiar a cidade” (ARRAIS, 1998, p. 221). Consequentemente, as intervenções físicas na cidade não atingiram todos os bairros e tampouco todos os segmentos da sociedade de maneira homogênea. Assim, procuramos observar, de modo inicial, o modo como as relações sociais inscreveram-se na organização do espaço e atuaram como marcadores de distinções sociais.

Este trabalho nos auxilia na percepção da cidade como produto das relações sociais do seu tempo, compreendida como um espaço dinâmico no qual os grupos se relacionam, fortalecem laços interpessoais e reforçam convicções em constante transformação. Desse modo, o estudo desses espaços de sociabilidades, locais de trocas de experiências e de relações entre os indivíduos é fundamental para analisarmos como esses grupos dirigentes mobilizaram leis e construíram resoluções municipais para fixar regras de comportamento e modos de os frequentadores utilizarem determinados lugares, difundindo no espaço público suas projeções de mundo e anseios gestados em uma capital dependente de empréstimos estrangeiros e recursos federais para o financiamento de suas realizações materiais.

Portanto, essa abordagem acerca dos locais de sociabilidade dos grupos dirigentes nos fornece pistas importantes para identificarmos os embates entre a cidade desejada pelas classes dominantes e a cidade constituída por indivíduos de condições sociais extremamente inferiores, tais como os retirantes da seca, cujas sociabilidades não foram estudadas neste trabalho. Conforme analisamos, as situações de socialização entre as altas camadas urbanas almejavam refletir os padrões civilizatórios que se disseminavam de Paris e Londres para outras cidades do mundo. Porém, as formas de lazer e diversão desses grupos não foram



unívocas e, por isso, não representaram a inexistência de outras possibilidades de interação social na capital norte-rio-grandense.

REFERÊNCIAS

Fontes

A REPUBLICA. Natal, 1900-1929.

CIGARRA, Natal, ano I, n.1, 1928, p. 1-50.

CIGARRA, Natal, ano I, n.2, 1928, p. 1-51.

CIGARRA, Natal, ano II, n.3, 1929, p. 1-51.

CIGARRA, Natal, ano II, n.4, 1929, p. 1-79.

CIGARRA, Natal, ano II, n.5, 1929, p. 1-83.

Bibliografia

ARRAIS, Raimundo; SIQUEIRA, Gabriela Fernandes de. *Viver na cidade: algumas possibilidades de estudo histórico das formas de sociabilidade urbana na cidade de Natal nas primeiras décadas do século XX*. In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. (Org.). **Reflexões sobre história local e produção de material didático** [recurso eletrônico]. Natal: EDUFRN, 2017.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. (org.). *A terra, os homens e os sonhos: a cidade de Natal no início do século XX*. Natal: Sebo Vermelho, 2017.

_____. **Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na companhia salvacionista de 1911**. Natal: EDUFRN, 1998.

ANDRADE, Alenuska. *As estruturas materiais da cidade moderna*. In: ARRAIS, Raimundo; MARINHO, Márcia; ANDRADE, Alenuska. **O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930**. Natal: EDUFRN, 2008.

BRESCIANI, Maria Stella M. *Metrópoles: as faces do monstro urbano (As cidades no século XIX)*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 5, n. 8/9. p. 35-68. Set. 1984/abr., 1985.

DIAS, Leonardo Silva. **Voar, dançar e jogar: a organização do Aeroclube no Rio Grande do Norte nos anos de 1920**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

MARINHO, Márcia. **Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense**. Natal: EDUFRN, 2011.

_____. *Ao mar gente moça!:* o esporte como meio de inserção da modernidade na cidade de natal. *Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 01-35, 2009.



_____. *Os espaços de sociabilidade das elites natalenses*. In: ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia. **O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930**. Natal: EDUFRN, 2008.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de; ARANTES NETO, Antonio Augusto; CARVALHO, Edgard de Assis; MAGNANI, José Guilherme Cantor; AZEVEDO, Paulo Ormino David de. *A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano*. [Debate]. **Patrimônio: atualizando o debate** [S.l: s.n.], 2006.

MARCARENHAS, Gilmar. *Primórdios do futebol na cidade do Rio de Janeiro*. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 169, abr./jul. 2008, p. 101-112.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n-16, p.279-290, 1995.

DE LUCA, Tânia Regina. **A História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Renato Marinho Brandão. *A gestão da cidade: o papel da Intendência Municipal na construção de uma Natal Moderna (1890-1930)*. **Espacialidades**, Natal, v.2, n.1, p. 1-21, 2009.

SIQUEIRA, Gabriela Fernandes de. *Entre a Cidade Nova e a Cidade das Lágrimas*. In: ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. (org.). **A terra, os homens e os sonhos: a cidade de Natal no início do século XX**. Natal: Sebo Vermelho, 2017.

VIANA, Enoque Gonçalves. **A construção da natureza saudável em Natal (1900-1930)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.